

14674 - ECOCITRUS - Duas décadas cultivando o cooperativismo agroecológico.

URIARTT, Ari Henrique¹; MANTEZE, Francisco²; ESSWEIN, Fábio³; KASPER, Ernesto⁴;
MELLO PEREIRA, Sonia Regina⁵

1 EMATER/RS, uriartt@emater.tche.br; 2 EMATER/RS, manteze@emater.tche.br; 3 ECOCITRUS, fabio@ecocitrus.com.br; 4 ECOCITRUS, ernesto@ecocitrus.com.br; 5 soniamellop@gmail.com

Resumo: O presente relato discorre sobre a experiência acumulada por um grupo de agricultores familiares do vale do Rio Caí, que ao longo de sua recente história, contribuíram de forma significativa para reverter o quadro de degradação ambiental e a desagregação social decorrentes dos processos de modernização da agricultura presente em sua comunidade. Tal contribuição teve início em uma reflexão metodologicamente desenvolvida, que levou os agricultores a questionarem sua condição de produtores rurais, assim como desenvolver soluções fundamentadas na sua realidade. Tais soluções materializaram-se em um conjunto de iniciativas, a saber: mudança do sistema de produção, compostagem de resíduos, agroindustrialização e comercialização dos produtos que propiciaram a construção de um sistema de produção ecologicamente sustentável, economicamente viável e socialmente justo, que tornaram este grupo de agricultores ecológicos protagonistas de seu próprio destino.

Palavras-Chave: Cooperativa; citricultura; produção ecológica.

Abstract: This report discusses the experience accumulated by a group of farmers from the River Caí Valley, which throughout its recent history, contributed significantly to reverse a picture of environmental degradation and social disruption resulting from the modernization of agriculture in their community. This contribution has begun by reflection methodologically developed, which led farmers to question their own status as farmers, as well to develop solutions grounded in their reality. Such solutions have materialized in a number of initiatives, such as, changing the production system, waste composting, agro-industrialization and commercialization of products that enabled construction of a production system ecologically sustainable, economically viable and socially fair, that made this group of ecological farmers protagonists of their own destiny.

Keywords: Cooperative; citriculture; ecological production.

Contexto

Esta experiência tem seu início em 1990 com a reativação da HARMONICITRUS, uma associação de citricultores fundada em 1986, pela ação da cooperação internacional Brasil-Alemanha através do Programa de Viabilização de Espaços Econômicos das Populações de Baixa Renda, que passou a ser conhecido como PRORENDA-RS. Muitos foram os fatores que levaram um grupo, inicialmente constituído por 15 agricultores familiares, a migrarem de uma agricultura convencional baseada no uso de agrotóxicos e insumos químicos, orientada principalmente para a citricultura, para uma agricultura de base ecológica. Talvez uma das principais causas tenha sido desenvolver uma reflexão de forma metodologicamente planejada praticada dentro dos grupos PRORENDA em que era aplicado o Método ZOPP – planejamento de projetos orientado por objetivos, utilizado por consultores internacionais e pelos extensionistas da EMATER/RS que assessoravam o processo. Combinado a este, também foi utilizado o Diagnóstico Rápido Participativo – DRP. Tais ferramentas colaboram para criar uma cultura de permanente aperfeiçoamento que levou este grupo de pequenos citricultores do Vale

do Caí a construir um sistema de produção ecologicamente sustentável, economicamente viável e socialmente justo, com vistas a tornar o agricultor ecológico protagonista de toda sua cadeia produtiva.

Descrição da experiência

A cidade de Montenegro, às margens do Rio Cai, onde se situa a sede da cooperativa ECOCITRUS, desde os primórdios de sua ocupação por comunidades indígenas das etnias Guarani e Kaingang e, posteriormente, por portugueses, açorianos e alemães, sempre ocupou uma posição de destaque na movimentação de pessoas e mercadorias. Do antigo Porto das Laranjeiras, cultivo este introduzido pelos povoadores açorianos, partiam mercadorias produzidas nas colônias e, mais tarde, desembarcaram italianos e outras etnias que subiram a serra para ocuparem as terras das encostas e de parte dos campos de cima da serra. Esta movimentação seguiu intensa até a instalação da ferrovia e experimentou um declínio quando o transporte das mercadorias passou a ser realizado por rodovias, cujos traçados desconsideraram a passagem por este outrora importante centro de comércio. No entanto, ao longo deste período a atividade agrícola se manteve intensa, fruto de uma forte colônia que se estabeleceu na região. Seus principais produtos foram a exploração da lenha, que alimentava as embarcações que circulavam no rio, principal via de comunicação, e na sequência a criação de porcos para produção de banha e, na medida em que as terras se desgastavam, a mandioca para obtenção de farinha e fécula. Com a progressiva diminuição da população rural resultante do êxodo associada à baixa fertilidade das terras degradadas, surge como alternativa o cultivo da acácia negra para extração do tanino. Com esta atividade o município novamente passa a ocupar uma posição de importância na economia da região e atraiu investimentos de outros setores ligados a agroindústria. Instalam-se indústrias de extração de óleos essenciais que aproveitam a matéria prima proveniente da citricultura instalada nos vales do Caí e Taquari. Vieram também abatedouros de bovinos e de aves, estes ligados a sistemas de integração, e com ele diversos elos da cadeia de produção. E, finalmente, a indústria de bebidas e outros ramos da produção de alimentos. Esta retomada do crescimento gerou uma nova onda de desenvolvimento para a região, mas também fortes consequências ao meio ambiente. Pelo lado dos processos agroindustriais, um passivo ambiental de difícil solução se formou, comprometendo a qualidade das águas e solos da região e, por outro lado, na agricultura a recuperação da produção em áreas fortemente degradadas implicou no aumento do uso de fertilizantes e agrotóxicos.

Paradoxalmente, foram estes dois fatores que propiciaram as bases da discussão e posterior formação do grupo que posteriormente se constituiu na atual **Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí - ECOCITRUS**. Os primeiros passos para constituí-la, como já foi mencionado, foram dados com a assessoria de consultores internacionais e extensionistas capacitados para desenvolver este processo. Duas excursões ao Estado de São Paulo foram fundamentais: a primeira por revelar a contradição onde os agricultores que aplicavam o pacote tecnológico da agroquímica da citricultura estavam envolvidos, quando um produtor paulista respondeu a uma pergunta de um citricultor montenegrino sobre quem aplicava os agrotóxicos nos pomares, e a resposta foi que não era ele e sim a legião de trabalhadores do nordeste que buscava emprego na agricultura industrial paulista. E, ao perceber isto, o citricultor se deu conta que o "nordestino" na citricultura gaúcha era ele mesmo, e para o qual não haveria substituição. E a segunda visita foi ao Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento (IBD), em Botucatu/SP, entidade ligada ao

movimento antroposófico, doutrina formulada pelo espiritualista austríaco Rudolf Steiner. Na programação estava incluída uma visita à Fazenda Demétria e ao Sítio Boa Terra, iniciativa ligada a Associação de Agricultura Orgânica (AAO) daquele Estado. Foi nesta última visita que os participantes foram questionados se conheciam as experiências que estavam em curso no município de Ipê/RS, onde estavam sendo utilizados alguns princípios de manejo ecológico para frutíferas através da aplicação de caldas biofertilizantes, assim como o desenvolvimento de novas relações comerciais através da organização dos consumidores em torno da Cooperativa Coolméia de Porto Alegre. Estes questionamentos provocaram, por iniciativa de alguns agricultores pertencentes aos diferentes grupos PRORENDA, a formação de um grupo de estudos e discussão que passou a denominar-se **Grupo de Agricultura Ecológica**. Participavam das discussões além dos agricultores, a entidade que congregava os apicultores do município de Montenegro, a APIMONT, o que abriu a participação de neo-rurais, assim como dos extensionistas vinculados ao programa. Os trabalhos levaram o grupo a tomar conhecimento das atividades que estavam sendo desenvolvidas pelas organizações não governamentais como a Fundação Gaia e o Centro de Agricultura Ecológica de Ipê (CAE – Ipê), atual Centro Ecológico. A EMATER/RS neste período também foi fundamental, propiciando a aproximação de tais experiências.

As discussões que se seguiram evidenciaram as carências de exemplos que balizassem um manejo ecológico para a cultura dos citros e apontaram uma necessidade comum entre os participantes, abandonar o uso de agrotóxicos e recuperar a fertilidade de seus solos sem o uso de adubos químicos solúveis. A primeira alternativa, dada a concentração de agroindústrias no município, foi aproveitar os resíduos produzidos por estas. Algumas iniciativas já estavam sendo experimentadas, em pequena escala na região por intermédio de uma pesquisa patrocinada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com os processos de compostagem e vermicompostagem para o tratamento dos resíduos da ARIPÊ (atualmente ARIPÊ CITRUS – BIOCITRUS S/A), agroindústria que processava uma parcela da produção de citros para obtenção de óleo essencial. Para processar os resíduos que eram constituídos basicamente por polpa de diversas variedades de cítricos, agregava-se a casca esgotada de acácia proveniente do processo de extração do tanino, resíduo obtido junto a TANAC S/A Agroindústria de Tanino. Os resultados foram socializados entre os agricultores através de um curso ministrado pela UNISINOS e financiado pelo programa, onde participaram cerca de 73 agricultores. Ao final do curso foi proposto aos participantes a organização de uma usina de compostagem onde seriam processados os resíduos da região, e o produto final distribuído entre os participantes na forma de adubo orgânico maturado. Alguns participantes, muitos dos quais pertencentes ao grupo de agricultura ecológica, aceitaram o desafio. Iniciou-se então um processo de formalização do grupo e contatos com o órgão responsável pelo licenciamento ambiental no Rio Grande do Sul, a Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler - RS (FEPAM). Assim, após uma série de encontros do grupo de agricultura ecológica ficou definido, em uma reunião no dia 21 de setembro de 1994, que o grupo passaria a denominar-se **ECOCITRUS**. Foi deliberado ainda que deveriam reunir-se para discutir uma proposta de estatuto e aprová-lo em uma reunião de fundação da entidade, o que acabou acontecendo em 02 de novembro de 1994.

Assim, após a aprovação do estatuto o grupo passou a chamar-se **Associação dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí – ECOCITRUS**. Definindo-se como uma sociedade civil sem fins lucrativos, com sede na comunidade de Campo do Meio, no município de Montenegro e vinculada diretamente à HARMONICITRUS. A usina de compostagem constituída passou a processar, além dos resíduos citados, uma infinidade de outros provenientes das diversas atividades agroindustriais da região.

O nível de complexidade levou a associação a buscar recursos financeiros em diferentes instituições, assim como apoio tecnológico, além da necessidade de mudanças na personalidade jurídica da organização em função da diversidade de novas operações tanto de natureza administrativa como comercial e técnica. Esta necessidade também fez saltar o número de sócios dos 15 iniciais para 29, aos quais se somaram um grupo de meeiros, num total de 13 famílias, o que perfazia um total aproximado de 250 pessoas diretamente beneficiadas. Este aumento possibilitou a formação, em março de 1998, da **Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí - ECOCITRUS**.

Atividades e serviços prestados atualmente pela cooperativa.

Produção: A instituição tem área total de 600 ha com cultivos de base ecológica, sendo 300 ha com cítricos. Em 2013, a projeção é de que a cooperativa processe em torno de 2,5 mil toneladas de frutas. A cooperativa conta atualmente com 98 associados e 76 trabalhadores, destes 29 são associados e 47 contratados.

Agroindústria: Em 1998, a Ecocitrus adquiriu uma unidade para beneficiamento da produção: prédio de 1,5 mil m² na localidade de Potreiro Grande, com 2 câmaras frias para armazenagem das frutas e toda estrutura para finalizar o processo produtivo. Toda a safra é comercializada pela cooperativa, que se encarrega do beneficiamento das frutas in natura e de industrializar os sucos concentrados. A produção é negociada com base na política do preço justo. Por mês, a Ecocitrus produz aproximadamente 30 mil litros de sucos. A iniciativa da Ecocitrus visa manter os jovens na propriedade rural, agregar renda e viabilizar a citricultura familiar praticada no Vale do Caí, assim como possibilitar aos citricultores o domínio de toda a cadeia produtiva. As metas do projeto é processar 5 mil toneladas de bergamotas verdes (raleio) e 20 mil toneladas de laranjas e bergamotas para suco. A cooperativa pretende aumentar em 30% a renda dos citricultores e exportar ou comercializar no mercado interno 2,2 mil toneladas de suco e óleos essenciais de cítricos. O projeto beneficiará, em um primeiro momento, 500 citricultores da região.

Usina de compostagem: Em 1995, para recuperar suas áreas, a cooperativa criou uma base de beneficiamento de adubos orgânicos, chamada de Usina de Compostagem de Resíduos Agroindustriais. Em parceria com 95 agroindústrias da região, os resíduos orgânicos destas empresas são destinados à usina que os transforma em adubo orgânico. Assim, os 98 associados plantam e colhem frutas sem o uso de agrotóxicos, poupando o meio ambiente da ação de venenos e produtos químicos. Ao todo, a cooperativa recicla 45 mil toneladas de resíduos industriais por ano e produz 15 mil toneladas de composto (sólido) e 15 mil toneladas de biofertilizante líquido por ano. Na usina, que ocupa 12 ha de área útil na localidade de Passo da Serra em Montenegro e possui licença para operar 3,4 mil m³ mensais, a introdução de novas tecnologias acelerou o processo de

compostagem e melhorou a qualidade do adubo orgânico; e a ampliação de sua estrutura possibilitou triplicar a produção.

Serviço de mão de obra: A Divisão de Equipe de Trabalho da Ecocitrus é uma iniciativa de caráter social da cooperativa que objetiva assegurar aos associados uma mão-de-obra qualificada, além de proporcionar a oportunidade a ex-trabalhadores rurais que vivem na área urbana a voltarem ao campo. Os sete integrantes do Grupo de Trabalho cumprem diariamente, de 2ª a 6ª feira, uma jornada de trabalho de 9 h nos pomares dos associados da Ecocitrus.

Formação e assessoria técnica: A Ecocitrus tem a preocupação em capacitar o corpo associativo em conceitos, princípios e fundamentos do cooperativismo e da agroecologia, proporcionando os conhecimentos necessários para exercer a missão, visão e valores da cooperativa. A instituição promove, constantemente, cursos de boas práticas e visitas técnicas nas propriedades dos associados, arcando ainda com 50% do valor dos cursos realizados pelos associados.

Turismo: Alguns dos associados da cooperativa desenvolvem atividades de turismo rural, recebendo visitas técnicas e passeios orientados, assim como a Usina de Compostagem e a agroindústria da Ecocitrus, que integram a Rota Sabores e Saberes do Vale do Caí, idealizada e concebida pelo Fórum Regional da Agricultura Familiar do Vale do Caí. Na agroindústria da Ecocitrus o visitante pode conhecer a história da cooperativa e degustar os produtos produzidos pelos agricultores. O turista aprende ainda como laranjas, bergamotas e limões são beneficiados para a comercialização in natura e conhece o processo de fabricação dos sucos ecológicos. Na usina de compostagem o visitante compreende o processo de transformação dos resíduos agroindustriais em adubo orgânico, utilizado nas propriedades para adubação do solo e produção de frutas orgânicas.

Comercialização: A Ecocitrus, dentro do Sistema Brasileiro da Conformidade Orgânica (SISOrg), opera pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG) através do Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC) - REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA. Possuindo também certificação por auditoria do INSTITUTO BIODINÂMICO (IBD). Ao adquirir produtos da Ecocitrus certificados por estes sistemas, o consumidor tem a certeza de ter na sua mesa frutas saudáveis e suco realmente integral, livre de agrotóxicos e conservantes nocivos à saúde. Outro benefício é que o consumidor está ajudando a preservar a natureza, uma das maiores preocupações da Ecocitrus.

Resultados

Nestes vinte anos a Ecocitrus tem contribuído de fato, seja no campo social ou tecnológico, para a construção de um cooperativismo com transparência e de efetiva participação de seus cooperados e que, genuinamente, socializa os benefícios entre seus membros e a sociedade. Tal sociabilização se dá através: da agricultura de base ecológica, praticada pelos agricultores cooperados, onde fica comprovado que é possível diminuir o grau de dependência dos insumos utilizados pela agricultura convencional, assim como o impacto ambiental provocado pela atividade; pelos processos de agroindustrialização que incorporam os benefícios da transformação dos produtos agrícolas provenientes do sistema de produção das unidades familiares; e pelos circuitos de comercialização que diminuem a distância entre produtor/produto e seu consumidor, por intermédio de mecanismos que incorporam

a dimensão humana nas relações de troca e privilegiam as cadeias curtas de comercialização. Entretanto, tais avanços só foram possíveis graças a um processo de reflexão permanente, pautado em uma metodologia que privilegia a participação das pessoas de forma organizada, o que permite que estas assumam o protagonismo de suas decisões com autonomia, incorporando a participação dos jovens e garantindo assim sua reprodução futura.

Agradecimentos

Um agradecimento especial à colaboração de Fabíola E. da Silva na atualização das informações e a Simone Mello Pereira Uriartt na revisão do abstract.